

1. O MÉTODO COMPARATIVO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL *

Quando alguém fala do "método comparativo" em Antropologia, pretende referir-se ao método usado por um autor tal como Frazer no seu *Golden Bough*. Mas comparações de aspectos particulares da vida social podem ser realizadas com um ou outro de dois diferentes propósitos, que correspondem à distinção, agora comum na Inglaterra, entre Ethnologia e Antropologia Social. A existência de instituições, costumes ou crenças similares em duas ou mais sociedades pode ser tomada pelo etnólogo, em certos casos, como indicativa de alguma conexão histórica. O que se procura é uma sorte de reconstrução da história de uma sociedade, povo ou região. Na Sociologia Comparativa ou Antropologia Social o propósito da comparação é diferente: constitui seu objetivo explorar as variedades de formas da vida social como base para o estudo teórico dos fenômenos sociais humanos.

Franz Boas, escrevendo em 1888 e 1896, afirmou que na Antropologia há duas tarefas a serem empreendidas. Uma delas é "reconstituir" a história de regiões ou povos particulares, e isso ele assegura constituir a "primeira tarefa". A segunda ele descreve como segue:

"Uma comparação da vida social de diferentes povos prova que os fundamentos de seu desenvolvimento cultural são notavelmente uniformes. Disso se conclui que há leis a que este desenvolvimento está sujeito. Sua descoberta é talvez o segundo mais importante objetivo de nossa ciência.... No desenvolvimento desses estudos, percebemos que o mesmo costume, a mesma idéia, ocorrem entre povos para os quais não podemos estabelecer qualquer conexão histórica, de modo que uma origem comum não pode ser afirmada e se torna necessário deter-

* Reproduzido de RADCLIFFE-BROWN, A. R. "The Comparative Method in Social Anthropology." Huxley Memorial Lecture for 1951. *Journal of the Royal Anthropological Institute*. London, 1951 (publicado em 1952), v. LXXXI, p. 15-22. Trad. por J. C. Melatti.

minar se há leis que resultam em fenômenos idênticos, ou ao menos similares, independentemente de causas históricas. Assim se revela a segunda importante tarefa da Etnologia: a investigação das leis que governam a vida social. (...) A freqüente ocorrência de fenômenos similares em áreas culturais que não têm contato histórico sugere que importantes resultados podem ser obtidos de seu estudo, porque mostra que a mente humana se desenvolve em toda a parte de acordo com as mesmas leis."

Boas incluiu essas duas tarefas numa única disciplina, que ele chamou ora de "Antropologia", ora de "Etnologia". Para alguns de nós neste país [Inglaterra] parece mais conveniente aludir àquelas investigações que concernem à reconstrução histórica como pertencentes à Etnologia e reservar o termo Antropologia Social para o estudo das regularidades encontráveis no desenvolvimento da sociedade humana na medida em que estas possam ser ilustradas ou demonstradas pelo estudo dos povos primitivos.

Assim, o método comparativo na Antropologia Social é o método daqueles que têm sido chamados de "antropólogos de gabinete", desde que trabalham em bibliotecas. Sua primeira tarefa é procurar pelo que usualmente se chama de "paralelos", aspectos sociais similares que aparecem em sociedades diferentes, no presente ou no passado. Em Cambridge, há sessenta anos, Frazer representava a Antropologia de gabinete, usando o método comparativo, enquanto Haddon insistia na necessidade de estudos "intensivos" de sociedades particulares através de sistemáticos estudos de campo por observadores competentes. O desenvolvimento dos estudos de campo levou a uma relativa negligência daqueles que faziam uso do método comparativo. Isso é compreensível e excusável, mas produziu alguns efeitos lamentáveis. O estudante ouve que deve considerar qualquer aspecto da vida social em seu contexto, em sua relação com os outros aspectos do sistema social particular em que se encontra. Mas ele muitas vezes não aprende a encará-lo no contexto mais amplo das sociedades humanas em geral. O que a escola de Cambridge de Antropologia ensinava há quarenta e cinco anos atrás não era que a Antropologia de gabinete devia ser abandonada, mas sim que devia ser combinada com estudos intensivos de sociedades primitivas particulares em que qualquer instituição, costume ou crença particular da sociedade fosse examinada em relação com o sistema social total de que constituísse uma parte ou item. Sem estudos comparativos sistemáticos a Antropologia se tornará apenas historiografia e etnografia. A teoria sociológica deve ser baseada na comparação sistemática e continuamente testada por ela.

A única maneira realmente satisfatória de explanar um método é através da ilustração. Consideremos, pois, como o método pode ser aplicado num exemplo particular. Podemos iniciar por um determinado aspecto de algumas tribos do interior de Nova Gales do Sul. Nessas tribos há uma divisão da população em duas partes que recebeu o nome do gavião-real e do corvo (*kilpara* e *makwara*). Há uma regra segundo a qual um homem deve somente tomar esposa da divisão que não a sua e que os filhos(as) devem pertencer à mesma divisão da mãe deles. O sistema é descrito em termos técnicos como sendo constituído de metades matrilineares exogâmicas representadas totemicamente.

Um modo de explicar por que uma sociedade particular possui as características que ostenta é pela sua história. Como não dispomos de nenhuma história autêntica desta ou de outras tribos australianas, os antropólogos historicistas estão reduzidos a nos oferecer histórias imaginárias. Assim, o Rev. John Mathew explicaria estas divisões e seus nomes pela suposição de que dois povos diferentes, um chamado gaviões-reais e o outro, corvos, encontraram-se nesta parte da Austrália e lutaram entre si. Posteriormente decidiram fazer a paz e concordaram que daí por diante os homens gaviões-reais se casariam somente com mulheres corvos e vice-versa.

Começemos a procurar pelos paralelos. Há um paralelo muito íntimo presente entre os haida do noroeste da América, que também possuem uma divisão em duas metades matrilineares exogâmicas chamadas pelos nomes de água (*eagle*) e corvo (*raven*), duas espécies que correspondem intimamente, na verdade, ao gavião-real (*eagle hawk*) e ao corvo (*crow*) da Austrália. Os haida têm uma lenda segundo a qual no começo somente a Água possuía água doce, que guardavam num cesto. O corvo descobriu isso e conseguiu roubar a água da Água. Mas quando ele sobrevoou com o cesto a ilha da Rainha Carlota, a água beber atualmente todas as aves; e os salmões fizeram seu caminho nas correntes e agora fornecem alimento para os homens.

Em algumas partes da Austrália há lendas similares sobre o gavião-real e o corvo. Segundo uma delas, no começo somente o Gavião-real possuía um suprimento de água doce, que guardava sob uma grande pedra. O Corvo, espionando-o, viu-o levantar a pedra e tomar um gole, repondo depois a pedra. O Corvo conseguiu levantar a pedra e, depois de ter tomado um gole de água doce, cocando-se, fez cair os pilhinhos de sua cabeça dentro da água, não recolocando a pedra. O resultado foi que a água escapou e formou os rios da Austrália Oriental, em

que os piolhos se transformaram em bacalhau do rio Murray, que constituiram um importante elemento da alimentação dos aborígenes, do mesmo modo que os salmões no noroeste da América. Se aceitarmos os critérios formulados pelos diffusionistas, tal como Graebner, temos aqui o que eles considerariam evidência de uma conexão histórica entre a Austrália e a costa do Pacífico da América do Norte.

Uma vez que começamos a procurar por paralelos da divisão gavião-real/corvo, da Austrália, encontraremos muitos exemplos de metades exogâmicas, em alguns casos matrilineais, em outros patrilineais, no resto deste continente, e freqüentemente as divisões recebem nomes de aves ou são representadas por elas. Em Vitória encontramos cacatua preta e cacatua branca, na Austrália Ocidental, cacatua branca e corvo. Na Nova Irlanda há um sistema similar em que as metades estão associadas com a "águia-do-mar" (*sea-eagle*) e a águia pescadora. A esta altura podemos nos sentir inclinados a perguntar por que estas divisões sociais seriam identificadas com referência a duas espécies de aves.

Na Austrália Oriental a divisão da população em dois sexos é representada pelo que se chama de totemismo sexual. Nas tribos de Nova Gales do Sul os homens têm por seu "irmão" o morcego, e as mulheres têm por sua "irmã" a coruja noturna (*night owl*), em algumas tribos, e o curiango (*owlet nightjar*), em outras. Na parte setentrional de Nova Gales do Sul, os totens são o morcego, para o homens, e uma ave trepadora (*tree-creeper*), para as mulheres (deve-se lembrar que os aborígenes australianos classificam o morcego como uma "ave"). Assim encontramos uma outra dicotomia da sociedade em que as divisões são representadas por aves.

Na maior parte da Austrália existe uma divisão social muito importante em duas divisões constituídas por gerações alternadas, ou seja, em metades endogâmicas. Uma divisão abrange todas as pessoas de uma única geração juntamente com a geração de seus avós e a de seus netos, enquanto a outra divisão inclui todos aqueles da geração de seus pais e da geração de seus filhos. Estas divisões raramente recebem nomes, mas em algumas tribos há termos que a elas se referem, um que um homem aplica a sua própria divisão e a seus membros, enquanto o outro é aplicado à outra divisão. Mas em uma parte da Austrália Ocidental estas metades endogâmicas recebem os nomes do maritim-pescador e do abelheiro, enquanto em outra parte elas recebem nome de um passarinho vermelho e de um passarinho preto.

Nessa questão "Por que todas estas aves?" é assim ampliada em seu alcance. Não são apenas as metades exogâmicas, mas também di-

visões duais de outros tipos, que se identificam em conexão com um par de aves. Mas não é, entretanto, apenas uma questão de aves. Na Austrália as metades podem ser associadas com outros pares de animais, com duas espécies de canguru numa parte, com duas espécies de abelha em outra. Na Califórnia uma metade é associada com o coiote e a outra com o gato-selvagem.

Nossa coleção de paralelos poderia ser estendida a outros exemplos em que um grupo ou divisão social recebe uma identificação e é distinguido de outros por associação com uma espécie natural. As metades australianas são simplesmente um exemplo de um fenômeno social amplamente distribuído. De um fenômeno particular fomos conduzidos, pelo método comparativo, a um problema muito mais geral: — Como podemos compreender os costumes pelos quais grupos e divisões sociais são distinguidos pela associação de um grupo ou divisão particular com uma espécie natural particular? Este é o problema geral do totemismo, como tem sido designado. Não lhes vou oferecer uma solução para este problema, pois ele me parece resultante de dois outros problemas. Um é o problema da maneira pela qual, numa sociedade particular, a relação dos seres humanos com as espécies naturais é representada, e, como uma contribuição a este problema, ofereci uma análise dos ilhéus andamaneses não-totêmicos. O outro é o problema de como os grupos sociais vêm a ser identificados em conexão com algum emblema, símbolo ou objeto que tenha referência simbólica ou emblemática. Uma nação identificada por sua bandeira, uma família identificada por seu brasão, uma congregação particular de uma igreja identificada por sua relação com um santo particular, um clã identificado por sua relação com uma espécie totêmica: estes são tantos exemplos de uma única classe de fenômenos para os quais temos de procurar por uma teoria geral.

O problema para o qual lhes desejo chamar a atenção, aqui, é bem diferente. Supondo-se que é adequado, por alguma razão, identificar divisões sociais pela associação com espécies naturais, qual o princípio pelo qual pares tais como gavião-real e corvo, águia e corvo, coiote e gato-selvagem, são escolhidos para representar as metades de uma divisão dual? A razão para fazer esta pergunta não é curiosidade ociosa. É lícito supor que uma compreensão do princípio em questão nos dará um importante meio de penetrar no modo pelo qual os próprios nativos pensam a respeito da divisão dual como uma parte de sua estrutura social. Em outras palavras, ao invés de perguntar "Por que todas estas aves?", podemos indagar "Por que particularmente gavião-real e corvo, e outros pares?"

Coletei muitas narrativas sobre o gavião-real e o corvo em diferentes partes da Austrália, e em todas elas os dois são representados como oponentes em alguma sorte de conflito. Um único exemplo parece suficiente e provém da Austrália Ocidental. O Gavião-real era irmão da mãe do Corvo. Nestas tribos um homem se casa com a filha de um irmão da mãe, de modo que o Gavião-real era o possível sogro do Corvo, para quem, portanto, este devia obrigações tais como provê-lo de alimentos. O Gavião-real mandou seu sobrinho sair e caçar can-guru (de raça pequena). O Corvo, tendo matado um canguru, comeu-o sozinho, uma ação extremamente repreensível em termos de moralidade nativa. Ao voltar ao acampamento, seu tio lhe perguntou pelo que tinha trazido, e o Corvo, sendo um mentiroso, disse-lhe que nada tinha conseguido. O Gavião-real, então, indagou: "Mas o que está no seu ventre, já que seu cinto não está mais apertado?" O Corvo respondeu que, para conter a aflição da fome, tinha enchido seu ventre com goma de acácia. O tio lhe disse que não acreditava e fez-lhe cócegas até que ele vomitou (este incidente é contado na lenda sob forma de uma canção do gavião-real — *Balmangabalu ngabarina, kidji-kidji malilyala*). O Corvo vomitou o canguru que tinha comido. Por isso o Gavião-real pegou-o e fê-lo rolar no fogo; seus olhos se tornaram vermelhos pelo fogo, ele ficou enegrecido pelo carvão, e gritou de dor: "Uai! Uai!" O gavião-real pronunciou o que deveria ser a regra: "Você nunca será um caçador, mas será para sempre um ladrão." E é assim que as coisas são agora.

Para interpretar este conto devemos considerar como essas aves são vistas pelos aborígenes. Em primeiro lugar, elas são as duas principais aves carnívoras e o aborígene australiano considera a si mesmo como um carnívoro. Um método de caça nesta região consiste na reunião de homens e mulheres, na estação adequada, para uma caçada coletiva. Põem fogo numa faixa de terreno de tal modo que ele seja espalhado pelo vento. Os homens avançam contra o fogo, matando com lança ou com bastões-projéteis os animais que dele fogem, enquanto as mulheres seguem o fogo para desentocar animais tais como certos marsupiais (*bandicoots*) que se refugiam no subsolo. Quando tal caçada começa, não demora muito para que apareça um e depois outro gavião-real, que se juntam à tarefa de caçar os animais em fuga das chammas. O gavião-real é o caçador.

O corvo não se reúne a esta ou outra qualquer espécie de caçada, mas quando uma fogueira de acampamento é acendida raramente demora para que um corvo apareça e pouse numa árvore fora do alcance

dos bastões que lhe podem ser atirados e espere pela oportunidade de roubar um pedaço de carne para seu jantar.

Entre os contos narrados pelos australianos sobre animais podemos encontrar um número imenso de paralelos deste conto do gavião-real e do corvo. Aqui, como exemplo, está um sobre o vombate e o canguru, da região fronteiriça da Austrália Meridional com Vitória. Nesta região o vombate e o canguru são os dois maiores animais caçáveis. No começo o vombate e o canguru viviam juntos como amigos. Um dia o Vombrate começou a fazer uma "casa" para si (o vombate vive numa toca no solo). O Canguru zombou dele e isto o aborreceu. Então um dia choveu (deve-se lembrar que nestes contos o que quer que aconteça é considerado como acontecendo pela primeira vez na história do mundo). O Vombrate entrou em sua "casa", livrando-se da chuva. O Canguru pediu ao Vombrate para fazer um quarto para ele, mas este lhe explicou que havia lugar apenas para um. Assim, o Vombrate e o Canguru discutiram e brigaram. O Canguru golpeou o Vombrate na cabeça com uma grande pedra, achatando seu crânio; o Vombrate apanhou uma lança no Canguru que se fixou na base da coluna vertebral. O vombate tem o crânio achatado desde esse dia e o canguru tem uma cauda; o primeiro vive numa toca, enquanto o canguru vive em área aberta; eles não são mais amigos.

Isto, na verdade, é uma história que se pode "certamente" considerar infantil. Ela diverte os ouvintes quando é narrada com as expressões dramáticas adequadas. Mas se examinarmos um certo número desses contos, perceberemos que eles têm um único tema. As semelhanças e diferenças entre as espécies animais são traduzidas em termos de amizade e conflito, de solidariedade e oposição. Em outras palavras, o mundo da vida animal é representado em termos de relações sociais similares àquelas da sociedade humana.

Pode-se encontrar lendas que se relacionam, não com espécies particulares ou pares de espécies, mas com os animais em geral. Há uma lenda em Nova Gales do Sul segundo a qual no começo todos os animais formavam uma única sociedade. Então o Morcego se tornou responsável pela introdução da morte no mundo, matando suas duas esposas. Seus cunhados chamaram todos os animais para uma constatação e, apanhando o Morcego de surpresa, atiraram-no ao fogo. Isto deu início a uma luta geral em que os animais se atacaram uns aos outros com fogo, e desta briga todos os animais mostraram atualmente as marcas. As várias espécies não mais formam uma sociedade de amigos.

Há um conto muito similar nas ilhas Andaman. As várias espécies de animais originalmente formavam uma única sociedade. Numa reunião, um deles trouxe fogo. Houve uma discussão geral em que eles atiraram fogo uns nos outros. Uns fugiram para o mar e se transformaram em peixes, outros escaparam para as árvores e se tornaram aves; e aves e peixes mostram até hoje as marcas das queimaduras que sofreram.

Um estudo comparativo, portanto, nos revela o fato de que as idéias australianas sobre o gavião-real e o corvo constituem apenas um exemplo particular de um fenômeno amplamente distribuído. Em primeiro lugar, estes contos interpretam as semelhanças e diferenças das espécies animais em termos de relações de amizade e antagonismo, tal como elas são conhecidas na vida social dos seres humanos. Em segundo lugar, as espécies naturais são colocadas em pares de opostos. Elas podem ser vistas dessa maneira apenas se houver alguma característica em que se pareçam uma com a outra. Assim, o gavião-real e o corvo se parecem um com o outro porque são as duas aves notórias comedoras de carne. Quando investiguei pela primeira vez os totens sexuais de Nova Gales do Sul, supus, de modo completamente errado, que a semelhança básica entre o morcego e a coruja noturna ou o curiango (*nighitar*) era a de que ambos voam à noite. Mas a ave trepadora (*tree-creeper*) não voa à noite e é o totem das mulheres da parte setentrional de Nova Gales do Sul. Quando eu estava sentado com um nativo na região do rio Macleay, uma ave trepadora apareceu, e eu pedi a ele para falar-me a respeito dela. "Esta é a ave que ensinou as mulheres a subirem em árvores", disse-me ele. Após alguma conversa, perguntei-lhe: "Que semelhança existe entre o morcego e a ave trepadora?" E com uma expressão de surpresa na face por eu ter feito tal pergunta, respondeu: "Mas é claro que ambos vivem nos buracos das árvores." Percebi que a coruja noturna e o curiango (*nighitar*) também vivem em árvores. O fato de certos animais comerem carne constitui uma sorte de similaridade social, tal como a do gavião-real e corvo ou do dingó e gato-selvagem. Do mesmo modo o hábito de viver em buracos das árvores.

Podemos agora responder a questão "Por que o gavião-real e o corvo?", dizendo que estes são selecionados como representando uma relação que podemos chamar de "oposição".

A idéia australiana do que se chama aqui de "oposição" constitui uma aplicação particular daquela associação por contrariedade, que é uma característica universal do pensamento humano, de modo que pen-

samos por pares de contrários: para cima e para baixo, forte e fraco, preto e branco. Mas a concepção australiana de "oposição" combina a idéia de um par de contrários com a de um par de oponentes. Nos contos sobre o gavião-real e o corvo, as duas aves são oponentes no sentido de serem antagonistas. Elas são também contrárias por razão da sua diferença de caráter: gavião-real, o caçador; corvo, o ladrão. A cacatua preta e a cacatua branca, que representam as metades em Vitória Ocidental, constituem um outro exemplo de contrariedade, sendo essas aves essencialmente similares, exceto pelo contraste da cor. Na América as metades são associadas a outros pares de contrários: Céu e Terra, guerra e paz, montante e jusante, vermelho e branco. Após um longo estudo comparativo, penso que estou plenamente justificado ao estabelecer uma lei geral, segundo a qual em qualquer lugar, seja na Austrália, Melanésia ou América, em que exista uma estrutura social de metades exogâmicas, as metades são pensadas como estando em uma relação de, como é aqui chamada, "oposição".

Obviamente, o passo seguinte num estudo comparativo será tentar descobrir quais as várias formas que toma a oposição entre metades de uma divisão dual na vida social real. Na literatura há referências ocasionais a uma certa hostilidade entre as duas divisões, descrita como existente ou registrada como tendo existido no passado. Toda a evidência disponível é a de que não há hostilidade geral no sentido próprio do termo, mas somente uma atitude convencional que acha expressão em algum modo usual de comportamento. É certo que na Austrália, embora em alguns exemplos em que haja uma disputa seja possível observar os membros de duas metades patrilineais formarem "tados" separados, a hostilidade real, da espécie daquela que pode conduzir à ação violenta, não ocorre entre metades, mas entre grupos locais; e dois grupos locais da mesma metade patrilineal parecem estar tão freqüentemente em conflito como dois grupos que pertençam a diferentes metades. Na verdade, desde que uma fonte comum de conflito real é o fato de um homem tomar a mulher casada ou comprometida com outro, os dois antagonistas ou grupos de antagonistas em tais casos pertencerão ambos à mesma metade patrilineal.

A expressão da oposição entre as metades pode tomar várias formas. Uma é a instituição a que os antropólogos deram o nome, não muito satisfatório, de "relações jocosas" (*the joking relationship*). Aos membros de divisões opostas se permite, ou deles se espera, que tolerem os aborrecimentos que uns causam aos outros, em abuso verbal ou em troca de insultos. Kroeber (*Handbook of Indians of California*) es-

"uma sorte de oposição de boa índole é reconhecida entre as metades, cujos membros freqüentemente zombam uns dos outros como sendo volúveis e broncos, respectivamente."

Strong (*Aboriginal Society in Southern California*) registra a mesma coisa.

"Um antagonismo de boa índole entre as metades se exhibe nas brincadeiras entre pessoas de uma e de outra. O povo do coiote zomba do povo do gato-selvagem, acusando-os de broncos e preguiçosos como seu animal representativo, e o povo do gato-selvagem retribui, acusando seus oponentes de volúveis. Há indicações de que este aborrecimento de uma metade pela outra faz parte de suas sérias cerimônias. Houve canções de tipo satírico que podiam ser cantadas por uma metade contra a outra. Entretanto, a oposição entre as metades parece ter sido muito menos forte do que entre certos pares de clãs, às vezes pertencentes à mesma metade, que eram tradicionalmente 'inimigos'. Estes clãs em certas ocasiões cantariam 'canções inimigas' uma contra o outro."

Esta instituição, para a qual se espera que alguém encontre um nome melhor do que "relações jocosas", é encontrada numa certa variedade de formas num determinado número de sociedades diferentes e clama por um estudo comparativo. Tem por função manter uma relação contínua entre duas pessoas, ou dois grupos, de hostilidade ou antagonismo aparente, mas artificial. Ofereci uma sugestão para um estudo comparativo desta instituição num artigo publicado na revista *Africa*.

Um outro costume significativo em que se expressa a relação de oposição entre as duas metades é aquele pelo qual, em algumas tribos da Austrália e algumas da América do Norte, as metades provêem os "times" de jogos como o futebol. Jogos competitivos fornecem uma ocasião social em que duas pessoas ou dois grupos de pessoas são oponentes. Dois grupos persistentes numa relação social podem ser mantidos numa relação em que são regularmente oponentes. Um exemplo é dado pelas duas universidades de Oxford e Cambridge.

Há outros costumes em que a oposição de metades se expressa. Por exemplo, na tribo omaha, da América do Norte, o círculo do acampamento era dividido em dois semicírculos, e, quando um menino de um semicírculo atravessava para o outro, tomava consigo com-panheiros e ocorria uma luta com os meninos da outra metade. Não precisamos e não podemos examinar aqui estes vários costumes.

Consideremos brevemente a instituição da exogamia de metades, pela qual todo casamento, onde a regra é observada, ocorre entre pes-

soas pertencentes a metades opostas. Há inumeráveis costumes que mostram que, em muitas sociedades primitivas, tomar uma mulher em casamento se representa simbolicamente como um ato de hostilidade contra a família ou grupo dela. Todo antropólogo está familiarizado com o costume segundo o qual se finge que a noiva é capturada ou tomada à força de seus parentes. Uma primeira coleção de exemplos deste costume foi realizada por McLennan, que os interpretou historicamente como sobreviventes da primitiva condição da sociedade humana, em que o único modo de obter uma esposa era pelo roubo ou captura de uma mulher de outra tribo.

Um exemplo esclarecedor deste tipo de costume é oferecido pelos habitantes das Marquesas. Depois que se combina um casamento, os parentes do noivo tomam dádivas que devem ser oferecidas aos da noiva e se dirigem à casa desta. No caminho sofrem uma emboscada, sendo atacados pelos parentes da noiva, que se apoderam à força dos bens que estão sendo carregados. O primeiro ato de violência parte dos parentes da noiva. Segundo o costume polinésio do *utu*, aqueles que sofrem uma injúria, podem retaliar, infringindo outra injúria. Portanto, os parentes do noivo exercem este direito, levando embora a noiva. Nenhum exemplo pode ilustrar melhor o fato de que essas ações usuais são simbólicas.

Com relação à estrutura social, o significado ou referência simbólica desses costumes deve ser óbvio. A solidariedade de um grupo requer que a perda de um de seus membros seja reconhecida como um dano ao grupo. Portanto, deve-se procurar alguma expressão para isso. Tomar uma mulher em casamento é considerado, em certo sentido, um ato de hostilidade contra os parentes dela. Isto é o que quer dizer o ditado dos gusú, da África Oriental: "Aqueles com quem casamos são aqueles com quem lutamos."

E à luz dessas considerações que devemos interpretar o costume do casamento por troca. O grupo ou parentes de uma mulher a perdem quando ela se casa. São compensados de sua perda se receberem uma outra que se tornará esposa de um deles. Nas tribos australianas, com poucas exceções, o costume impõe que, quando um homem toma uma esposa, ele deva dar sua irmã para substituí-la. Na tribo yaralde, no sul da Austrália, que não possui um sistema de metades, quando um homem se casava com uma mulher de outro clã local, esperava-se que o clã dele provesse uma esposa para algum membro do clã do qual tinha vindo a noiva. De outro modo o casamento seria considerado irregular, impróprio ou, quase poderíamos dizer, ilegal. Registrou-se nas tribos da parte oriental de Vitória (Gippsland) que a única forma adequada

de casamento era por troca. O sistema de metades exogâmicas prevê um sistema de generalização de casamento por troca, desde que cada casamento é um incidente no processo contínuo pelo qual os homens de uma metade tomam da outra suas esposas.

Um estudo comparativo mostra que em muitas sociedades primitivas a relação estabelecida entre dois grupos de parentes pelo casamento entre um homem de um destes grupos e uma mulher de outro é expressa por costumes de evitação e por relações jocosas. Em muitas sociedades exige-se que o homem evite qualquer contato social íntimo com a mãe de sua esposa, e, freqüentemente, também com o pai dela e outras pessoas desta geração entre os parentes da esposa. Com este costume está muitas vezes associado um outro, chamado de "relações jocosas", pelo qual se permite a um homem, ou mesmo se exige dele, que use de comportamento insultante para com alguns dos parentes de sua esposa de sua própria geração. Sugerir em outro trabalho que estes costumes podem ser compreendidos como meios convencionais pelos quais uma relação de tipo peculiar, que pode ser descrita como um composto de amizade ou solidariedade mais hostilidade ou oposição, é estabelecida e mantida.

Num estudo completo, há outros aspectos da organização dual que devem ser tomados em consideração. Existem exemplos em que ocorrem trocas regulares de bens ou serviços entre duas metades. Na troca competitiva de alimentos e objetos valiosos conhecida como *pollatch*, na América do Norte, as metades podem ser significativas. Entre os *lingit*, por exemplo, são os membros de uma metade que fazem *pollatch* contra os membros da outra. As duas metades provêm os "times" para os quais existe uma sorte de jogo competitivo, em que os homens "lutam com propriedade".

Nosso estudo comparativo nos habilita a ver a divisão gavião-real/corvo, das tribos do rio Darling, como um exemplo particular de um tipo largamente distribuído de aplicação de um certo princípio estrutural. A relação entre as duas divisões, que aqui foi denominada "oposição", separa e também une, e portanto nos dá um tipo muito especial de integração social que merece estudo sistemático. Mas o termo "oposição", que fui obrigado a usar porque não pude achar um melhor, não é totalmente apropriado, pois ele acentua muito apenas um lado da relação: o da separação e diferença. A descrição mais correta seria dizer que a espécie de estrutura em questão é de união de opostos.

A idéia de uma unidade de contrários foi uma das idéias norteadoras da filosofia de Heráclito. Ela é resumida em sua afirmação: "Po-

lemos é rei, governa todas as coisas." A palavra grega *poíemros* é às vezes traduzida como "luta", mas a tradução apropriada seria "oposição", no sentido em que esta palavra foi usada nesta conferência. Heráclito usa como exemplo o entalhe e a espiga; não estão em luta; são contrários ou opostos que se combinam para fazer unidade quando se juntam.

Há alguma evidência de que esta idéia da união dos opostos foi tomada do Oriente por Heráclito e os pitagóricos. De qualquer modo, a mais completa elaboração da idéia se encontra na filosofia Yin-Yang da antiga China. A frase em que ela se resume é: "Yi yin yi yang wei tse tao". Um *yin* e um *yang* fazem uma ordem. *Yin* é o princípio feminino; *Yang*, o masculino. A palavra *tao* pode aqui ser mais bem traduzida como "um todo ordenado". Um homem (*yang*) e uma mulher (*yin*) constituem a unidade de um casal. Um dia (*yang*) e uma noite (*yin*) fazem um todo unificado ou unidade de tempo. Similarmente um verão (*yang*) e um inverno (*yin*) fazem a unidade que denominamos um ano. Atividade é *yang* e passividade é *yin* e uma relação de duas entidades ou pessoas em que uma é ativa e a outra passiva se concebe também como uma unidade de opostos. Na antiga filosofia chinesa esta idéia de unidade de opostos recebe a maior extensão possível. Todo o universo, inclusive a sociedade humana, é interpretado como uma "ordem" baseada nisso.

Há evidência histórica de que esta filosofia se desenvolveu há muitos séculos na região do rio Amarelo, o "Império do Meio". Há também evidência de que a organização social desta região se caracterizava pelo casamento entre clãs de um mesmo par; os dois clãs se reuniam nos Festivais da Primavera e do Outono, competindo no canto de odes, de modo que os homens de um clã podiam encontrar esposas entre as mulheres do outro. A evidência é de que neste sistema de casamento um homem se casava com a filha do irmão de sua mãe, ou uma mulher da geração apropriada do clã de sua mãe. Segundo a informação que possuo, este tipo de organização, que aparentemente existia há quarenta séculos nesta região, ainda lá sobrevivia em 1935. Mas a investigação da mesma que planejei para ser executada por Li Yu foi infelizmente impedida pelo ataque japonês à China. Pode ser que ainda não seja tão tarde para realizá-la; ela nos permitiria avaliar mais exatamente a reconstrução histórica de Marcel Granet.

Esta filosofia Yin-Yang da antiga China é a elaboração sistemática do princípio que pode ser usado para definir a estrutura social de metades nas tribos australianas, porque a estrutura de metades é, como

foi visto pela breve avaliação aqui realizada, uma unidade de grupos opostos, no duplo sentido de que os dois grupos são amistosamente opostos e de que eles são representados como sendo em algum sentido opostos, do mesmo modo pelo qual o gavião-real e o corvo ou o branco e o preto são opostos.

Isso pode ser esclarecido pela consideração de outro exemplo de oposição nas sociedades australianas. Um acampamento australiano abrange homens de um determinado clã local e suas esposas, que, pela regra de exogamia, são provenientes de outros clãs. Em Nova Gales do Sul há um sistema de totemismo sexual, pelo qual uma espécie animal é "irmão" dos homens e uma outra espécie é "irmã" das mulheres. Ocasionalmente surge dentro de um acampamento nativo uma condição de tensão entre os sexos. O que então costuma ocorrer, de acordo com as informações dos aborígenes, é que as mulheres saem e matam um morcego, o "irmão" ou totem sexual dos homens, e o deixam a fazer no acampamento, para que os homens o vejam. Os homens por sua vez retalham, matando o pássaro que é nesta tribo o totem sexual das mulheres. As mulheres então proferem insultos contra os homens e isto leva a uma luta com bastões (bastões de cavar para as mulheres e bastões-projéteis para os homens) entre os grupos formados pelos dois sexos em que um bom número de contusões é infligido. Após a luta, a paz é restaurada e a tensão eliminada. Os aborígenes australianos acham que, quando há uma discórdia entre duas pessoas ou dois grupos que provavelmente irá se desenvolver em fogo lento, o melhor será lutar por causa dela e depois fazer as pazes. O uso simbólico do totem é muito significativo. Este costume nos mostra que a idéia da oposição de grupos e a união dos opostos não está confinada às metades exogâmicas. Os dois grupos sexuais provêem uma estrutura de tipo similar; o mesmo ocorre às vezes com os dois grupos formados por divisões de gerações alternadas. O grupo dos pais e o grupo de seus filhos estão numa relação de oposição, não dessemelhante da relação entre os maridos e suas esposas.

Podemos dizer que na estrutura social relativamente simples das tribos australianas podem ser reconhecidos três tipos principais de relação entre pessoas ou grupos. Há a relação de inimizade e luta; no outro extremo há a relação de solidariedade simples, e no sistema australiano esta deve existir entre irmãos ou entre pessoas da mesma geração no grupo local; tais pessoas não podem lutar, embora em certas circunstâncias se ache legítimo que uma pessoa "resmungue" contra a outra, para expressar no acampamento uma queixa contra a ação da

outra. Há, em terceiro lugar, a relação de oposição, que não é a mesma coisa que luta ou inimizade, mas uma combinação de acordo e desacordo, de solidariedade e diferença.

Começamos com um aspecto particular de uma região particular da Austrália, a existência de metades exogâmicas com os nomes do gavião-real e do corvo. Fazendo comparações entre outras sociedades, algumas delas não australianas, habilitamo-nos a ver que isto não constitui algo particular ou peculiar a uma região, mas é um exemplo de certas tendências gerais largamente distribuídas nas sociedades humanas. Assim substituímos um problema particular do tipo que pede por uma explicação histórica por certos problemas gerais. Há, por exemplo, o problema do totemismo como fenômeno social, em que existe uma associação especial de um grupo social com uma espécie natural. Um outro problema levantado, e talvez mais importante, é o da natureza e funcionamento das relações e estruturas sociais baseadas no que foi aqui chamado de "oposição". Este é um problema muito mais geral que o de totemismo porque é o problema de como a oposição pode ser usada com um modo de integração social. O método comparativo é, portanto, aquele pelo qual passamos do particular para o geral, do geral para o mais geral, com o objetivo em vista de que podemos deste modo chegar ao universal, a características que podem ser encontradas em diferentes formas em todas as sociedades humanas.

Mas o método comparativo não formula apenas problemas, embora a formulação dos verdadeiros problemas seja extremamente importante em qualquer ciência; ele também fornece material com o qual podem ser dados os primeiros passos na direção da solução. Um estudo do sistema de metades na Austrália pode nos dar resultados de considerável valor para a teoria da sociedade humana.

No começo desta conferência citei Franz Boas como tendo distinguido duas tarefas que o antropólogo pode empreender no estudo da sociedade primitiva, e estas duas tarefas exigem dois métodos diferentes. Um é o método "histórico", pelo qual a existência de um aspecto particular em uma sociedade particular é "explicado" como resultado de uma particular seqüência de eventos. O outro é o método comparativo, pelo qual procuramos, não "explicar", mas compreender um aspecto particular de uma sociedade particular, considerando-o primeiro como um exemplo particular de um tipo ou classe geral de fenômenos sociais, e depois relacionando-o a uma determinada tendência geral, ou preferivelmente universal, nas sociedades humanas. Tal tendência é o que se chama em certos casos de lei. A Antropologia, como estudo da

sociedade primitiva, inclui ambos os métodos e eu mesmo usei consistentemente a ambos no ensino da Etnologia e da Antropologia Social em algumas universidades. Mas deve haver discriminação. O método histórico nos dará proposições particulares; somente o método comparativo nos pode dar proposições gerais. Nas sociedades primitivas a evidência histórica é sempre ausente ou inadequada. Não há evidência existir, e adivinhações sobre isso me parecem sem nenhuma significação. Como os aborígenes australianos chegaram a seus sistemas sociais do presente é, e deverá ser para sempre, inteiramente desconhecido. A suposição de que pelo método comparativo podemos chegar a conclusões válidas sobre as "origens" daqueles sistemas mostra um completo desdém pela natureza da evidência histórica. A Antropologia, como estudo das sociedades primitivas, inclui tanto estudos históricos (etnográficos e etnológicos) como o estudo generalizador conhecido como Antropologia Social, que é um ramo especial da Sociologia Comparativa. É desejável que os objetivos e métodos sejam distinguidos. A história, no sentido próprio do termo, como um relato autêntico da sucessão de eventos numa região particular num período de tempo particular, não nos pode dar generalizações. O método comparativo, como um estudo generalizador dos aspectos das sociedades humanas, não nos pode dar histórias particulares. Os dois estudos podem ser combinados e ajustados somente quando sua diferença é adequadamente reconhecida e é clara distinção entre Etnologia, como estudo histórico das sociedades primitivas, e Antropologia Social, como um ramo da Sociologia Comparativa que se interessa especialmente pelas sociedades a que chamamos primitivas. Podemos deixar todas as questões da reconstrução histórica para a Etnologia. Para a Antropologia Social a tarefa é formular e validar afirmações sobre as condições de existência dos sistemas sociais (leis de estática social) e as regularidades que são observáveis na mudança social (leis da dinâmica social). Isso pode ser feito somente pelo uso sistemático do método comparativo e a única justificativa deste método é a expectativa de que nos proverá com resultados deste tipo, ou, como afirmou Boas, nos proverá com conhecimento das leis do desenvolvimento social. Será somente num estudo integrado e organizado, em que estudos históricos e sociológicos sejam combinados, que poderemos nos habilitar a alcançar uma real compreensão do desenvolvimento da sociedade humana; e isso nós não temos ainda.

2. SISTEMAS AFRICANOS DE PARENTESCO E CASAMENTO — INTRODUÇÃO *

"Lidar com nações sem as conhecer, sem as compreender, é bom para os conquistadores; menos bom para aliados e mesmo para os protetores; e nada é mais detestável e mais insensato para civilizadores, o que temos a pretensão de ser." GOBINEAU

I

Para a compreensão de qualquer aspecto da vida social de um povo africano — econômico, político ou religioso — é essencial ter conhecimentos completos do seu sistema de parentesco e casamento. Para qualquer antropólogo de campo isso é tão óbvio que mal precisa ser mencionado. É, porém, freqüentemente ignorado por aqueles que se ocupam com problemas relacionados com economia, nutrição, leis ou administração dos povos africanos, e esperamos que este livro ** seja lido não só por antropólogos, mas por alguns daqueles que são responsáveis pela formulação ou execução das políticas de governo colonial no continente africano.

Um livro que tratasse exaustiva e sistematicamente da organização de parentesco na África inteira ainda não pôde ser escrito. Este volume de ensaios pretende somente elucidar, com alguns exemplos, os resultados obtidos, no momento atual, pelos antropólogos sociais neste ensaio, que oferece uma introdução ao estudo comparativo e teórico geral da organização de parentesco.

* Reproduzido de RADCLIFFE-BROWN, A. R. "Introduction." In: — e FORD, DAVILL (org.). *African Systems of Kinship and Marriage*. London, Oxford University Press, 1950 (Reimp. em 1964). p. 1-85 (Publicado para o International African Institute). Trad. por Marcos A. E. L. de Salvo Coimbra.

** As expressões "este livro", "neste volume", etc. que aparecerão no longo deste capítulo, dizem sempre respeito à antologia *African Systems of Kinship Marriage*, a que este texto serve de Introdução (N. do Org.).